



SOUZAEAD[®]

Revista Acadêmica Digital

ISSN 2595-5934



PERIODICIDADE
MENSAL

SET
2026

EDIÇÃO
Nº101

IDIOMAS
PORTUGUÊS E INGLÊS

 **QUALIS B3**



www.souzaeadrevistaacademica.com.br

**O DESENVOLVIMENTO DO PROFISSIONAL PSICOPEDAGOGO NA
INSTITUIÇÃO E NA CLÍNICA**
**THE DEVELOPMENT OF THE PSYCHOPEDAGOGUE PROFESSIONAL IN
INSTITUTIONS AND CLINICS**

ALMEIDA, Benivaldo Aparecido de¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a atuação da Psicopedagogia nos contextos escolar e clínico, considerando os desafios de aprendizagem apresentados por crianças e adolescentes. Nesse sentido, aborda-se a intervenção psicopedagógica como um recurso voltado à compreensão das dificuldades de aprendizagem e à elaboração de estratégias que favoreçam o processo educativo. A Psicopedagogia surgiu da necessidade de compreender os fatores cognitivos, emocionais, sociais, familiares e pedagógicos que interferem na aprendizagem, bem como de buscar alternativas para os sujeitos que, por diferentes razões, enfrentam obstáculos em sua trajetória escolar. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, a qual serviu de base para a construção do referencial teórico, fundamentado nas contribuições de Scoz (2011), Bossa (2007), Fernández (1991), Visca (1987) e Weiss (2018), entre outros autores. O trabalho do psicopedagogo ocorre por meio da relação estabelecida com o educando, a família, a escola e os demais profissionais envolvidos, na qual exerce uma função de acompanhamento, orientação e intervenção. Os resultados indicam que sua atuação contribui para os contextos institucional e clínico, pois, na instituição, auxilia os professores no aprimoramento das práticas pedagógicas e, na clínica, intervém nas dificuldades apresentadas pelo sujeito, oferecendo suporte ao processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Aluno. Aprendizagem. Intervenção. Psicopedagogia.

ABSTRACT

This study aims to analyze the role of Psychopedagogy in school and clinical contexts, considering the learning difficulties experienced by children and adolescents. In this sense, psychopedagogical intervention is addressed as a resource aimed at understanding learning difficulties and developing strategies that support the educational process. Psychopedagogy emerged from the need to understand the cognitive, emotional, social, family, and pedagogical factors that interfere with learning, as well as to seek alternatives for individuals who, for different reasons, face obstacles in their school trajectory. The methodology consisted of bibliographic research, which supported the construction of the theoretical framework based on the contributions of

¹ Graduado em Pedagogia pela UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso. Pós-graduado em Psicopedagogia - IMP. Mestre em Ensino pela Universidade de Cuiabá - PPGEn UNIC.
benivaldoadm@gmail.com

Scoz (2011), Bossa (2007), Fernández (1991), Visca (1987), Weiss (2018), and other authors. The work of the psychopedagogue takes place through the relationship established with the learner, the family, the school, and the other professionals involved, in which this professional performs functions of monitoring, guidance, and intervention. The results indicate that psychopedagogical practice contributes to institutional and clinical contexts, since, in institutions, it assists teachers in improving pedagogical practices and, in clinical settings, it intervenes in the difficulties presented by the learner, providing support for the teaching-learning process.

Keywords: Student. Learning. Intervention. Psychopedagogy.

INTRODUÇÃO

O trabalho de pesquisa em questão tem por objetivo conhecer como é a atuação do profissional Psicopedagogo, na Instituição e na Clínica. A pesquisa surgiu da necessidade em aprofundarmos os nossos conhecimentos a respeito do trabalho que o Psicopedagogo desenvolve na busca de alternativas que possam intervir na dificuldade de aprendizagem do aluno.

Diante disso a pesquisa esta organizada em etapas: na primeira etapa abordamos sobre o surgimento da Psicopedagogia, relatando alguns conceitos da história do início da Psicopedagogia que teve uma trajetória de caráter médico-pedagógico, onde hoje essas ações são independentes, mas complementares, também os fundamentos da Psicopedagogia e o papel do Psicopedagogo. Na segunda etapa, apresentamos conceito de psicopedagogia institucional na qual abrange vários contextos, podendo ser oferecida na escola, na empresa, no hospital e na família. Na terceira etapa, conceito da psicopedagogia clínica, onde Fernández (1991, p. 18) coloca que "independente do espaço de trabalho o psicopedagogo deve ter um olhar e uma escuta clínica tanto no consultório como na instituição, mesmo que na instituição não se faça tratamento psicopedagógico".

A atuação do Psicopedagogo na Instituição visa a fortalecer e a identidade, bem como buscar o resgate das raízes dessa instituição, ao mesmo tempo em que procura sintonizá-la com a realidade que está sendo vivenciada no momento histórico atual, buscando adequar essa escola as reais demandas da sociedade.

A Psicopedagogia Clínica procura compreender de forma global e integrada os processos cognitivos, emocionais, sociais, culturais, orgânicos e pedagógicos que interferem na aprendizagem, a fim de possibilitar situações que resgatem o prazer de aprender em sua totalidade, incluindo a promoção da integração entre pais, professores, orientadores educacionais e demais especialistas que transitam no universo educacional do aluno.

O compromisso do profissional psicopedagogo é com a transformação da nossa realidade escolar, e só através do exercício reflexivo superaremos os obstáculos que se nos impõem.

No entanto, cabe ao Psicopedagogo reconhecer a sua própria subjetividade na relação, entre educando e educador, pois se trata de um sujeito estudando outros sujeitos. Ao final esta as considerações finais na qual apresentamos nosso posicionamento sobre o trabalho do profissional na instituição e clínica, onde exerce um papel importante no aprendizado do aluno, juntamente com a família e escola.

1. O SURGIMENTO DA PSICOPEDAGOGIA

A Psicopedagogia surgiu como um campo de conhecimento voltado à compreensão dos processos de aprendizagem e de suas dificuldades, constituindo-se a partir da articulação entre diferentes áreas, como Psicologia, Pedagogia, Psicanálise, Neurologia e Linguística. Seu desenvolvimento ocorreu em resposta à necessidade de compreender por que determinadas crianças apresentavam dificuldades no ambiente escolar, mesmo sem evidências de comprometimentos intelectuais ou sensoriais que justificassem tais obstáculos (Bossa, 2007).

Os primeiros Centros Psicopedagógicos foram criados na Europa, em 1946, por iniciativa de J. Boutonier e George Mauco, reunindo profissionais das áreas médica, psicológica e pedagógica. Esses centros tinham como finalidade atender crianças que apresentavam dificuldades de aprendizagem e problemas de adaptação social, buscando compreender a relação entre os aspectos cognitivos, emocionais, familiares e escolares envolvidos no processo educativo. Segundo Scoz (2011), a

proposta desses espaços consistia em realizar uma avaliação ampla do sujeito, considerando não apenas suas dificuldades escolares, mas também as condições sociais e afetivas que poderiam interferir em sua aprendizagem.

As bases da Psicopedagogia começaram a ser construídas ainda no final do século XIX e início do século XX, período marcado pelo interesse crescente de educadores, médicos e pesquisadores pelas questões relacionadas ao desenvolvimento infantil. Nesse contexto, destacaram-se estudiosos como Édouard Séguin, Maria Montessori e Ovide Decroly, cujos trabalhos contribuíram para o desenvolvimento de métodos educacionais voltados às necessidades específicas das crianças. Esses autores defendiam a observação sistemática do desenvolvimento infantil e a adequação das práticas pedagógicas às características individuais dos estudantes, influenciando posteriormente a constituição da Psicopedagogia como área de conhecimento (RUBINSTEIN, 2017).

Ao longo de sua trajetória, a Psicopedagogia foi influenciada por diferentes correntes teóricas. Nos Estados Unidos, predominou inicialmente uma perspectiva centrada nos aspectos biológicos e neurológicos das dificuldades de aprendizagem. Nessa abordagem, os problemas escolares eram frequentemente atribuídos a alterações orgânicas ou disfunções do sistema nervoso central. Já na Europa, desenvolveu-se uma perspectiva mais abrangente, que buscava compreender a aprendizagem como um fenômeno complexo, influenciado por fatores cognitivos, emocionais, sociais e culturais (WEISS, 2018).

A influência europeia foi particularmente importante para a consolidação da Psicopedagogia na Argentina, país que se tornou uma das principais referências latino-americanas na área. A partir das contribuições da Psicanálise, da Psicologia Genética de Jean Piaget e dos estudos sobre linguagem e psicomotricidade, os profissionais argentinos passaram a desenvolver práticas voltadas à compreensão das dificuldades de aprendizagem de forma multidimensional. Conforme destaca Fernández (1991), aprender não é apenas um processo cognitivo, mas uma construção que envolve desejos, afetos, vínculos familiares e relações estabelecidas com o conhecimento.

No Brasil, a Psicopedagogia começou a ganhar espaço durante a década de 1970. Nesse período, muitas dificuldades de aprendizagem eram associadas à chamada Disfunção Cerebral Mínima (DCM), conceito amplamente utilizado para explicar o baixo rendimento escolar. Entretanto, diversos pesquisadores passaram a questionar essa interpretação predominantemente médica, argumentando que muitos dos problemas atribuídos a alterações neurológicas estavam relacionados a fatores pedagógicos, sociais e institucionais. Bossa (2007) ressalta que a utilização indiscriminada desse diagnóstico contribuiu para ocultar problemas presentes no sistema educacional, transferindo para o aluno a responsabilidade exclusiva pelo fracasso escolar.

A partir das décadas seguintes, a Psicopedagogia ampliou significativamente seu campo de atuação, passando a compreender a aprendizagem como um fenômeno complexo e multifatorial. Atualmente, o trabalho psicopedagógico busca identificar não apenas as dificuldades apresentadas pelos estudantes, mas também os fatores emocionais, familiares, escolares e socioculturais que influenciam o processo de aprender. Segundo Scoz (2011), essa perspectiva permite uma compreensão mais ampla do sujeito, favorecendo intervenções que consideram sua singularidade e suas relações com os diferentes contextos de desenvolvimento.

Estudos mais recentes reforçam essa compreensão ampliada da aprendizagem. Feitosa *et al.* (2022), em revisão sistemática sobre a atuação psicopedagógica no contexto escolar, destacam que as dificuldades de aprendizagem não podem ser compreendidas exclusivamente por fatores individuais, sendo necessário considerar aspectos pedagógicos, emocionais, familiares e sociais que influenciam o desenvolvimento acadêmico. Os autores enfatizam que a intervenção psicopedagógica deve ocorrer de forma interdisciplinar, promovendo estratégias capazes de favorecer a aprendizagem e a inclusão dos estudantes nos diferentes contextos educacionais.

Da mesma forma, Boer e Elias (2022) demonstram a importância das habilidades sociais e das funções executivas para o desempenho acadêmico, demonstrando que processos como planejamento, controle inibitório, atenção e

autorregulação exercem influência direta sobre a aprendizagem. Tais resultados ampliam o campo de atuação da Psicopedagogia, que passa a considerar não apenas os conteúdos escolares, mas também os aspectos cognitivos e socioemocionais envolvidos no processo educativo. Além disso, pesquisas recentes sobre avaliação psicopedagógica têm contribuído para o desenvolvimento de instrumentos mais específicos para identificação das dificuldades de aprendizagem, favorecendo intervenções mais adequadas às necessidades de cada estudante (TAVARES, 2022).

Nesse contexto contemporâneo, a Psicopedagogia consolida-se como uma área interdisciplinar comprometida com a compreensão dos processos de aprendizagem em sua complexidade. Conforme destacam Gomes e Teixeira (2023), a atuação psicopedagógica tem assumido relevância crescente na promoção da inclusão educacional e no acompanhamento de estudantes com diferentes necessidades de aprendizagem, contribuindo para a construção de práticas pedagógicas mais sensíveis à diversidade presente no ambiente escolar.

1.1 OS FUNDAMENTOS DA PSICOPEDAGOGIA

A Psicopedagogia é uma ciência que estuda e lida com o processo de aprendizagem e suas dificuldades, atuando tanto na área preventiva quanto na terapêutica. Ao estudar a aprendizagem, a Psicopedagogia considera que, para aprender, o ser humano utiliza corpo, inteligência, afetividade e desejo, a partir de sua história de vida.

Segundo Bossa (2007), a Psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana, que adveio de uma demanda, o problema de aprendizagem, colocado num território pouco explorado, situado além dos limites da psicologia e da própria pedagogia e evoluiu devido à existência de recursos, ainda que embrionários, para atender essa demanda, constituindo - se, assim numa prática.

A Psicopedagogia vem criando a sua identidade e campo de atuação próprios, que estão sendo organizados e estruturados, especialmente pelas produções científicas que referenciam o campo do conhecimento e pela Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp).

Kiguel (1983), ressalta que a Psicopedagogia se encontra em fase de organização de um corpo teórico específico, visando a integração das ciências pedagógicas, psicológica, fonoaudiológica, neuropsicológica e psicolinguística para uma compreensão mais integradora do fenômeno da aprendizagem humana.

Deste modo, Moreira (2016) afirma que para Piaget a mente humana possui quatro períodos de desenvolvimento, sendo eles: a) Sensório motor, que vai do nascimento até os dois anos de idade; b) Pré-Operatório, que inicia aos 2 anos de idade e se estende até os 7 anos de idade; c) Operatório Completo, que começa por volta dos 7 anos de idade e costuma terminar aos 12 anos de idade e, por fim; d) Operatório Formal, que se estabelece a partir dos 12 anos de idade. Para o autor, a sequência é imutável, no entanto, as idades e durações de cada fase podem mudar de acordo com a maturidade e vivências do indivíduo.

Na teoria histórico-cultural, Fontana e Cruz (1997) apresentam que para Vygotski a aprendizagem é encarada como a transferência dos conhecimentos de gerações anteriores (histórico), moldadas e aprimoradas pela geração atual (cultural). Segundo o autor, a criança não nasce em um mundo natural, mas em um mundo humano e conforme se desenvolve obrigatoriamente interage com este mundo, assim a criança vai aprendendo e moldando-o de forma singular, de forma que, em razão da interação histórico-cultural, o indivíduo aprende a ser humano.

De acordo com Gregori e Gomez (2000, p. 290):

A Psicopedagogia tem um papel importante a cumprir, colaborando com as escolas, no planejamento, no desenvolvimento e na revisão das medidas de qualidade educativa, o que implica um maior aprofundamento e ampliação de conteúdos e uma organização em múltiplas áreas e matérias, que são ministradas por diferentes professores.

Isso introduz a necessidade de organizar determinadas medidas de ação orientadora que assegurem mediante mecanismos de coordenação e sem menosprezo dos que serão desenvolvidos por cada professor como (educador) docente, uma proposta ajustada, completa e integradora dos diferentes elementos que determinam o processo de ensino e de aprendizagem dos alunos.

O compromisso do psicopedagogo é com a transformação da nossa realidade escolar, e só através do exercício reflexivo superaremos os obstáculos que se nos impõem.

A Psicopedagogia surge para atender as crianças e adolescentes que por diferentes fatores estão excluídos ou se excluem eles mesmos do sistema educacional. As dificuldades de aprendizagem aparecem especificamente na área da linguagem e/ou cálculo, ou na relação com a aprendizagem, o que contribui para que o aprendiz não consiga acompanhar o processo educacional. Num primeiro momento, a intervenção psicopedagógica clínica esteve voltada para a busca e o desenvolvimento de metodologias que melhor atendessem aos portadores de dificuldades, ou seja, aos excluídos tendo como principal objetivo fazer a reeducação ou remediação e, desta forma, promover o desaparecimento do sintoma.

Segundo Weiss (2018, p.41): “a aprendizagem normal dá-se de forma integrada no aluno (aprendente), no seu pensar, sentir, falar e agir. Quando começam a aparecer “dissociações de campo” e sabe-se que o sujeito não tem danos orgânicos, pode-se pensar que estão se instalando dificuldades na aprendizagem: algo vai mal no pensar, na sua expressão, no agir sobre o mundo”.

O campo de atuação da psicopedagogia é clínico e preventivo: Entende-se como atendimento psicopedagógico clínico a investigação e a intervenção para que se compreenda o significado, a causa e a modalidade de aprendizagem do sujeito, com o intuito de sanar suas dificuldades. O foco da psicopedagogia clínica é o vetor da aprendizagem.

1.2 O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO

O psicopedagogo deve ser um profissional que tem conhecimentos multidisciplinares, pois em um processo de avaliação diagnóstica, é necessário estabelecer e interpretar dados em várias áreas, tais como: neurologista, psiquiatras, fonoaudiólogos, psicólogos e outros. O conhecimento dessas áreas fará com que o profissional compreenda o quadro diagnóstico do aprendente e favorecerá a escolha da metodologia mais adequada, ou seja, o processo corretor, com vista a superação

das inadequações do aprendente, na qual o psicopedagogo usa o diagnóstico psicopedagógico para detectar os desafios de aprendizagem.

Rubinstein (2017) compara diagnóstico psicopedagógico a um processo de investigação, onde o psicopedagogo assemelha-se a um detetive a procura de pistas, selecionando-as e centrando-se na investigação de todo processo de aprendizagem, levando-se em conta a totalidade dos fatores envolvidos neste processo.

Afirma ela que o diagnóstico psicopedagógico é em si mesmo uma intervenção, pois o psicopedagogo tem que interagir com o cliente, a família, e a escola, partes envolvidas na dinâmica do problema de aprendizagem.

A autora ilustra que “durante e após o processo diagnóstico serão construídos um conhecimento e uma compreensão a respeito do processo de aprendizagem”. Isto permite que o psicopedagogo tenha maior clareza a respeito dos objetivos a serem alcançados no atendimento psicopedagógico.

O diagnóstico psicopedagógico clínico, segundo a estudiosa deve concentrar sua ação no sentido de “levantar hipóteses, verificar o potencial de aprendizagem, mobilizar o aprendiz e o seu entorno (família e escola) no sentido da construção de um olhar sobre o não aprender.

O objetivo básico do diagnóstico psicopedagógico é identificar os desvios e os obstáculos básicos no Modelo de Aprendizagem do sujeito que, o impedem de crescer na aprendizagem dentro do esperado pelo meio social (WEISS, 2018, p.34).

Todavia, a maior qualidade e validade do diagnóstico dependerá da relação estabelecida terapeuta - paciente: empática, de confiabilidade, respeito, engajamento.

É importante que o terapeuta consiga compreender os pedidos de ajuda, dependência, proteção, reações onipotentes e fantasiosas expressas através de mecanismos transferenciais durante o diagnóstico. O diagnóstico psicopedagogo é composto de vários momentos que temporal e espacialmente tomam dimensões diferentes conforme a necessidade de cada caso.

Assim, há momento de anamnese só com os pais, de compreensão das relações familiares em sessão com toda a família presente, de avaliação da produção pedagógica e de vínculos com objetos de aprendizagem escolar, busca da construção

e funcionamento das estruturas cognitivas (diagnóstico operatório), desempenho em testes de inteligência e visomotores, análise de aspectos emocionais por meio de testes expressivos, sessões de brincar e criar.

Segundo, Alicia Fernández (1991, p. 14): “o papel do psicopedagogo na escola é de escuta da relação professor-aluno”. É necessário aqui citar a diferença entre dificuldade de aprendizagem e fracasso escolar, este ocorre na instituição escolar, predominam fatores etiológicos referidas as causas externas a criança e sua família. As dificuldades de aprendizagem encontram-se no sujeito e na dinâmica familiar.

2.0 CONCEITO DE PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL

A Psicopedagogia Institucional abrange vários contextos, podendo ser oferecida na escola, na empresa, no hospital, na família. O objetivo, nesses contextos, pode ser examinar como ocorrem as relações interpessoais, como os conhecimentos circulam, que alternativas são pensadas determinados conflitos.

Para Fernandez (apud BARBOSA, 2022, p. 35): “O espaço na instituição requer maior preparo do psicopedagogo do que o espaço da clínica”.

A ação do psicopedagogo na instituição deve ser um trabalho preventivo em relação às dificuldades de aprendizagem, envolvendo toda a dinâmica escolar. O psicopedagogo deve ter o entendimento do Projeto Político-Pedagógico, do Regimento e de toda a estrutura física e documental da instituição, intervindo nas diferentes instâncias que veiculam o conhecimento, como este transita, como é apresentado aos alunos, avaliado, transformado, enfim, analisando os processos e as modalidades de ensinar e de aprender.

Através do Projeto Político-Pedagógico e da prática educativa, a instituição persegue determinados princípios e concepções. As concepções de ensino e aprendizagem mais utilizadas nas últimas décadas são o empirismo (abordagem comportamentalista), o apriorismo (abordagem humanista) e o interacionismo (abordagem cognitivista e histórico-cultural).

Para a avaliação psicopedagógica institucional, além da observação e de entrevistas, pode utilizar algum instrumento compatível com a demanda indicada. Por exemplo, pode aplicar dinâmica de grupo, teste projetivo (par educativo, desenho prognóstico de eu agora e eu daqui a 10 anos, desenho livre etc.), ditado balanceado, provas piagetianas, vínculo professor/alunos etc.

Após o período de coleta de dados, da avaliação psicopedagógica institucional, o estagiário realiza a tabulação e a análise dos dados, para chegar a um diagnóstico e poder levantar quais as hipóteses, ou seja, o que está contribuindo para que a demanda se manifeste (SILVA; PITOMBO, 2020).

3.0 CONCEITO DA PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA

A psicopedagogia clínica procura compreender de forma global e integrada os processos cognitivos, emocionais, sociais, culturais, orgânicos e pedagógicos que interferem na aprendizagem, a fim de possibilitar situações que resgatem o prazer de aprender em sua totalidade, incluindo a promoção da integração entre pais, professores, orientadores educacionais e demais especialistas que transitam no universo educacional do aluno.

A Psicopedagogia Clínica fundamenta parte de seus procedimentos de diagnóstico e intervenção nas contribuições de autores argentinos, entre os quais se destacam Sara Paín, Jorge Visca e Alicia Fernández. Esses estudos auxiliam na compreensão dos aspectos cognitivos, afetivos, familiares e pedagógicos envolvidos no processo de aprendizagem.

Alicia Fernández (1991, p. 131) afirma que, independentemente do espaço de trabalho, o psicopedagogo deve ter um olhar e uma escuta clínica tanto no consultório quanto na instituição, mesmo que, nesta última, não se realize tratamento psicopedagógico.

O psicopedagogo utiliza o diagnóstico clínico para identificar os fatores relacionados às dificuldades de aprendizagem. Nesse sentido, Fernández (1991, p. 11) compara o diagnóstico à rede utilizada por um equilibrista, pois ele oferece

sustentação ao profissional na formulação de hipóteses e na definição dos encaminhamentos necessários.

Já Bossa (2007, p. 24) diz que o diagnóstico:

É um processo que permite ao profissional investigar, levantar hipóteses provisórias que serão ou não confirmadas ao longo do processo recorrendo, para isso, a conhecimentos práticos e teóricos. Esta investigação permanece durante todo o trabalho diagnóstico através de intervenções e da "...escuta psicopedagógica...", para que "...se possa decifrar os processos que dão sentido ao observado e norteiam a intervenção".

O diagnóstico possui uma grande relevância tanto quanto o tratamento, ele mexe de tal forma com o paciente e sua família que, por muitas vezes, chegam a acreditar que o sujeito teve uma melhora ou tornou-se agressivo e agitado no decorrer do trabalho diagnóstico. Por isso devemos fazer o diagnóstico com muito cuidado observando o comportamento e mudanças que isto pode acarretar o sujeito.

Bossa (2007) nos lembra que a forma de se operar na clínica para se fazer um diagnóstico varia entre os profissionais dependendo da postura teórica adotada. Na linha da Epistemologia Convergente, Visca (1987) nos informa que o diagnóstico começa com a consulta inicial (dos pais ou do próprio paciente) e encerra com a devolução.

Antes de se iniciar as sessões com o sujeito faz-se uma entrevista contratual com a mãe e/ou pai e/ou responsável, objetivando colher informação como: Identificação da criança: nome, filiação, data de nascimento, endereço, nome da pessoa que cuida da criança, escola que frequenta, série, turma, horário, nome da professora, irmãos, escolaridades dos irmãos, idade dos irmãos.

Durante a entrevista inicial, o psicopedagogo pode orientar a coleta de informações por meio das seguintes questões: quem indicou o atendimento psicopedagógico? A criança já realizou algum atendimento anterior? Quais são as expectativas da família e da criança em relação ao acompanhamento? A família compreende como será desenvolvido o trabalho psicopedagógico? Qual será o local, a data e o horário das sessões? Como serão definidos os honorários?

Visca (1987) propôs o seguinte Esquema Sequencial proposto pela Epistemologia Convergente: Ações do entrevistador, Procedimentos Internos do Entrevistador, através: EOCA, Testes e Anamnese.

É da EOCA que o psicopedagogo extrairá o 1º Sistema de hipóteses e definirá sua linha de pesquisa. Logo após são selecionadas as provas piagetianas para o diagnóstico operatório, as provas projetivas psicopedagógicas e outros instrumentos de pesquisas complementares.

Weiss (2018, p. 61) nos diz que: "As observações sobre o funcionamento cognitivo do paciente não são restritas às provas do diagnóstico operatório; elas devem ser feitas ao longo do processo diagnóstico". Já na anamnese verifica-se com os pais como se deu essa construção e as distorções havidas no percurso.

A anamnese é uma das peças fundamentais deste quebra-cabeça que é o diagnóstico. Através dela nos serão reveladas informações do passado e presente do sujeito juntamente com as variáveis existentes em seu meio. Observaremos a visão da família sobre a história da criança, seus preconceitos, expectativas, afetos, conhecimentos e tudo aquilo que é depositado sobre o sujeito.

Toda anamnese já é, em si, uma intervenção na dinâmica familiar em relação à "aprendizagem de vida". No mínimo se processa uma reflexão dos pais, um mergulho no passado, buscando o início da vida do paciente, o que inclui espontaneamente uma volta à própria vida da família como um todo.

Segundo Weiss (2018, p. 62), o objetivo da anamnese é "colher dados significativos sobre a história de vida do paciente." Consiste em entrevistar o pai e/ou a mãe, ou responsável para, a partir disso, extrair o máximo de informações possíveis sobre o sujeito, realizando uma posterior análise e levantamento do 3º sistema de hipóteses. Para isto é preciso que seja muito bem conduzida e registrada.

A anamnese de tipo psicanalítico funciona em moldes completamente diferentes. A pessoa funciona por associação livre e não por interrogações formuladas. Um psicanalista clássico consegue apreender e intuir o passado da pessoa através da relação que com ela estabelece. Digamos que, um bom

psicanalista, trabalha não numa causalidade linear, mas numa causalidade circular (MENDONÇA, 2012).

A anamnese em Psicologia, partilha um pouco dos métodos da medicina e da psicanálise. O psicólogo interessa-se pelas fases do desenvolvimento, mas também privilegia a causalidade circular. As entrevistas são semidiretivas. O importante aqui, são os acontecimentos exteriores e a forma como foram vividos interiormente; o que importa na realidade, é aceder ao modo como a pessoa elaborou na fase adulta esses acontecimentos (TAVARES, 2022).

Sobre diagnóstico, Weiss (2018, p. 29) afirma que:

Todo diagnóstico psicopedagógico é, em si, uma investigação, é uma pesquisa do que não vai bem com o sujeito em relação a uma conduta esperada. Será, portanto, o esclarecimento de uma queixa, do próprio sujeito, da família e, na maioria das vezes, da escola. No caso trata-se do não – aprender, do revelar o que aprendeu, do fugir de situações de possível aprendizagem.

Nessa investigação não se pretende classificar o paciente em determinadas categorias nosológicas, mas sim obter uma compreensão global da sua forma de aprender e dos desvios que estão ocorrendo nesse processo. Busca-se organizar os dados obtidos em relação à sua vida biológica, intrapsíquica e social de forma única, pessoal. Nessa visão estaríamos subordinados o diagnóstico psicopedagógico ao método clínico exatamente a unidade, a coerência, a integração que evitariam transformar a investigação diagnosticada numa “colcha de retalhos” com a simples justaposição de dados ou com mera soma de resultados de testes e provas.

Segundo Fernández (1991, p. 98), “para o diagnóstico é importante identificar o sujeito aprendente no contexto familiar e no que é externo a esta família”. As dificuldades de aprendizagem podem ser entendidas como um sintoma, uma inibição cognitiva, sendo manifestações inconscientes, ou como um problema de aprendizagem reativo. Este último pertence à instituição escolar e não à criança. É a instituição que “falha” em seu processo de ensinagem àquela criança e não a aprisionar a inteligência de quem aprende. Além do sintoma, da inibição cognitiva e do problema de aprendizagem reativo, Fernandez destaca o fracasso escolar de portadores de necessidades educacionais especiais – PNEE, que podem apresentar

uma deficiência (visual, auditiva, motora, mental ou um comprometimento na estrutura psíquica, com uma evidência psicótica. Essas crianças necessitam de compreensão da maneira como percebem a realidade e como se comunicam com ela.

De acordo com Weiss (2018, p. 73):

Todo profissional que trabalha com crianças sente que é indispensável haver um espaço e tempo para a criança brincar e assim melhor se comunicar, se revelar: o médico que cria jogos com objetos do consultório, o vendedor que provoca uma brincadeira com o comprador – mirim, o professor que possibilita situações lúdicas em sala de aula.

Os desafios de aprendizagem dos alunos, criam na família um mal-estar no campo social, daí muitas vezes se priorizar o atendimento psicopedagógico, melhorando as questões relacionadas a esse aspecto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa busca verificar como é o desenvolvimento do profissional Psicopedagogo na Instituição e na Clínica. Percebe-se ao longo desta caminhada, que os conhecimentos em Psicopedagogia servem como instrumentos importantes para que os professores possam compreender melhor o seu aluno.

A fim de detectar possíveis dificuldades de aprendizagem e aí então propor intervenções adequadas para prevenir o fracasso escolar. O Psicopedagogo busca as razões das dificuldades do ato de aprender considerando o ser humano em suas múltiplas dimensões.

Sabendo-se que o ser humano é dotado de razão e emoção, a partir disso é difícil concluir que na área educacional, a crença de aprendizagem é social, mediado por elementos culturais, vem produzindo um novo olhar para as práticas pedagógicas.

Nota-se que as dificuldades de aprendizagem se encontram no sujeito e na dinâmica familiar, em geral, as dificuldades instalam-se antes do ingresso da criança na escola.

O Psicopedagogo tem como objetivo promover a reelaboração do processo de aprendizagem do sujeito que apresente dificuldade, desenvolver no sujeito o prazer de aprender, propiciar condições para que ele desenvolva autonomia.

Ao término deste trabalho, observa-se que, a forma de atuação da Psicopedagogia no âmbito Institucional e Clínico vem contribuindo gradativamente para que através da avaliação, intervenção e orientação a criança possa resgatar a sua potencialidade de aprender.

Pois sabemos que no exercício do encontro humano, cada momento é único, subjetivo e singular, cheio de mistérios, encantamentos, desencantos, conquistas e desafios incompreensíveis. No entanto, ser educador é estar fazendo um mundo melhor a cada dia, é provocar uma metamorfose diária, transformando e deixando se transformar.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Fernando Pereira. Formação psicopedagógica para o século XXI: facilitando o acesso à aprendizagem. Eptaya E-books, v. 1, n. 10, p. 34-38, 2022. DOI: 10.47879/ed.ep.2022519p34.

BOER, July Dorna Casper; ELIAS, Luciana Carla dos Santos. Habilidades sociais, funções executivas e desempenho acadêmico: revisão sistemática. Revista Psicopedagogia, v. 39, n. 119, p. 270-284, 2022.

BOSSA, Nadia Aparecida. A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FEITOSA, Pedro Walisson Gomes et al. Abordagem psicopedagógica nas dificuldades de aprendizagem do contexto escolar: uma revisão sistemática. ID on Line Revista de Psicologia, v. 16, n. 60, p. 1051-1064, 2022.

FERNÁNDEZ, Alicia. A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Nazaré. Psicologia e trabalho pedagógico. São Paulo: Atual, 1997.

GOMES, Tayane Alencar; TEIXEIRA, Verônica Rejane Lima. Psicopedagogia: um olhar na educação do aluno surdo no processo de ensino-aprendizagem. ID on Line Revista de Psicologia, v. 17, n. 65, p. 589-600, 2023.

GREGORI, Elena Barberà; GÓMEZ-GRANELL, Carme. As estratégias de ensino e de avaliação em Matemática. In: MONEREO, Carles; SOLÉ, Isabel (org.). O assessoramento psicopedagógico: uma perspectiva profissional e construtivista. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 289-304.

KIGUEL, Sonia Moojen. Reabilitação em Neurologia e Psiquiatria Infantil: aspectos psicopedagógicos. In: Congresso Brasileiro De Neurologia E Psiquiatria Infantil, 1983, Porto Alegre. A criança e o adolescente da década de 80. Porto Alegre: ABENEPI, 1983. v. 2.

MENDONÇA, Jhanda. Anamnese. Quem ama, educa! 27 jul. 2012. Disponível em: <https://jhanda.webnode.com.br/news/anamnese/>. Acesso em: 30 jul. 2026.

MOREIRA, Marco Antonio. Subsídios teóricos para o professor pesquisador em ensino de Ciências: comportamentalismo, construtivismo e humanismo. 2. ed. Porto Alegre, 2016.

PAÍN, Sara. Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Tradução de Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

RUBINSTEIN, Edith. Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2017.

SCOZ, Beatriz Judith Lima. Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 2011.

SILVA, Rosemeire da Costa; PITOMBO, Elisa Maria. Diagnóstico psicopedagógico institucional: o exercício do olhar sobre a instituição. Construção Psicopedagógica, São Paulo, v. 28, n. 29, p. 47-60, 2020.

TAVARES, Sabrina Cardoso. Estudos sobre discalculia e instrumentos de avaliação psicopedagógica. Revista Psicopedagogia, v. 39, n. 118, p. 61-82, 2022.

VISCA, Jorge. Clínica psicopedagógica: epistemologia convergente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.